

## MARXISMO, MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO, SINDICALISMO

### EL MARXISMO, LOS MOVIMIENTOS SOCIALES, EDUCACIÓN, SINDICALISMO

### MARXISM, SOCIAL MOVEMENTS, EDUCATION, SYNDICALISMOS

Celi Nelza Zulke Taffarel<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto trata do Marxismo, Movimento Social, Educação e Sindicalismo, com o objetivo de apresentar pilares para a escolarização da classe trabalhadora, na perspectiva da pedagogia socialista, que se contraponham aos pilares da pedagogia do aprender-a-aprender. São estes pilares: (a) consistente base teórica que implica no domínio do conhecimento clássico científico, da filosofia, das artes e da Educação Física, (b) consciência de classe; (c) formação política; (d) organização revolucionária. Estes pilares são evidentes nas propostas pedagógicas que buscam no marxismo os fundamentos para a Educação, no socialismo, a referência de projeto histórico e, nos movimentos sociais, político-partidários e sindicais, pontos de apoio na luta por reivindicações transitórias rumo a revolução do modo de produção da vida.

**Palavras Chave:** Marxismo; Movimentos Sociais, Educação, Sindicalismo.

**Resumen:** El texto aborda el marxismo, unionismo del movimiento social, la educación y sindicalismo con el objetivo de presentar pilares para la educación de la clase obrera, desde la perspectiva de la pedagogía socialista que se oponen a la enseñanza de los pilares del “aprender a aprender. Estos pilares son: (a) la base teórica coherente que implica el campo del conocimiento científico clásico, la filosofía, las artes y la educación física, (b) la conciencia de clase; (c) la formación política; (d) la organización revolucionaria. Estos pilares son evidentes en las propuestas pedagógicas que buscan en el marxismo las bases de Educación, en el socialismo el proyecto histórico de los movimientos de referencia y sociales, partidos políticos y sindicales puntos de apoyo en la lucha por las reivindicaciones de transición hacia la modalidad de la revolución de la producción de la vida.

**Palabras clave:** el marxismo, los movimientos sociales, educación, sindicalismo.

**Abstract:** The text deals with Marxism, Social Movement, Education and Trade Unionism, with the aim of presenting pillars for the education of the working class, from the perspective of socialist pedagogy that oppose itself from the pillars of the learning-to-learn pedagogy. These pillars are: (a) consistent theoretical basis which involves the mastery of scientific classical knowledge, philosophy, the arts and physical education, (b) class consciousness; (c) formation in politics; (d) revolutionary organization. These pillars are evident in the pedagogical proposals seeking in Marxism the foundations for Education, in socialism the historical project of reference and in social movements, political parties and trade unions points of support in the struggle for transitional demands towards the revolution on the mode of production of life.

**Key words:** marxism, social movements, education, trade unionism.

#### *Introdução*

O presente texto apresentado no VII Encontro Educação e Marxismo (EBEM), ocorrido de 3 a 5 de maio de 2016, em Belém/Pará, com o tema: “*Luta de Classes e Educação: Teorias pedagógicas e organização para a revolução*”, parte da problemática concreta, atual, relacionada com o avanço de forças destrutivas<sup>2</sup>, que no Brasil, neste momento histórico, se configura com o golpe<sup>3</sup> de natureza imperialista, jurídico,

parlamentar, empresarial, midiático<sup>4</sup>, que acentua a destruição da economia, regressão social, retrocessos nas conquistas democráticas de direitos dos trabalhadores.

O curso dos acontecimentos, na conjuntura atual, demonstram a crise do capitalismo, os ajustes adotados, as crises, e novamente os ajustes para voltar à “normalidade” do imperialismo (MONTORO, 2014, p. 369), com seus resultados econômicos, sociais e políticos visíveis, comparáveis, na crescente destruição das forças produtivas. Crises cada vez mais profundas, com mais consequências drásticas e, difíceis de serem contornadas, colocando a humanidade em uma encruzilhada histórica à escala mundial (MONTORO, 2014, p. 369-542), frente a problemas vitais que lhe exigem respostas de conjunto sobre, o que fazer? Ou seja, sobre estratégia e tática (HARNECKER, 2003) que interessam à classe trabalhadora, a classe que vive do trabalho e de vender a sua força de trabalho, a classe que não detém os meios de produção, a classe trabalhadora da cidade e do campo. Os lutadores e suas organizações, que buscam o caminho das transformações sociais, têm como preocupação principal, o que fazer frente às forças destrutivas?

Nesta conjuntura de crise estrutural permanente do capital, para entender e propor algo, especificamente a respeito da Educação da classe trabalhadora, é preciso considerar a história e as propostas pedagógicas que a classe trabalhadora veio defendendo, em especial, a partir da instalação do modo de produção capitalista, conforme o conhecemos na atualidade. É preciso recuperar os fundamentos da pedagogia socialista a partir da visão materialista da história<sup>5</sup>. Dados históricos podem ser recuperados, tanto nas obras clássicas de Marx e Engels, quanto nas exposições, que já ocorreram dentro dos eventos do EBEM como, por exemplo, o III EBEM onde o tema foi tratado pelo professor Demerval Saviani (2007).

Um conjunto de obras de autores marxistas apresenta um esforço teórico para localizar as derivações para a Educação. Neste sentido, encontramos os escritos de Dommanget (1972), “*Os grandes socialistas e a educação: de Platão a Lênin*”; Rossi (1981), “*Pedagogia do trabalho: raízes da educação socialista*”; Dangeville (1976), “*Marx e Engels: crítica da educação e do ensino*”; Manacorda (1991), “*Marx e a pedagogia moderna*”; e Suchodolski (1974), “*Fundamentos de Pedagogia Socialista*”.

Manacorda (1964) foi o primeiro a rastrear os principais textos marxistas que trazem derivações para a Educação. No seu livro “*Marx e a pedagogia moderna*”, Manacorda destaca os pontos mais significativos desta derivação e distingue três momentos de contribuições relevantes para o projeto de escolarização da classe trabalhadora:

a) Primeiro Momento (1847-1848), quando sobressai o texto do “*Manifesto do Partido Comunista*”, de 1848, correlacionado aos “*Princípios do Comunismo*”, redigido por Engels em 1847. Neste primeiro momento, destaca-se no “*Manifesto*”: “Ensino público e gratuito a todas as crianças. Abolição do trabalho das crianças nas fábricas em sua forma atual. Unificação do ensino com a produção material” (p. 21);

b) Segundo Momento (1866-1867), em que foi redigido o texto das “*Instruções aos delegados do Conselho Geral Provisório do I Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores*”, entrelaçado e sobreposto às passagens de “*O Capital*” referidas à educação. Destaca-se no texto de Marx das “*Instruções*”, sobre o conteúdo pedagógico que, a seu ver, deve constituir o ensino de caráter socialista: (a) ensino intelectual;

(b) educação física, dada nas escolas e através de exercícios militares; (c): adestramento tecnológico, que transmita os fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção e que, ao mesmo tempo, introduza a criança e o adolescente no uso prático e na capacidade de manejar os instrumentos elementares de todos os ofícios.

c) Terceiro Momento (1875), ano da redação das “*Notas à margem do Programa do Partido Operário Alemão*”, conhecidas como “*Crítica ao Programa de Gotha*”. A divisão das crianças e dos adolescentes dos 9 aos 17 anos em três classes, deveria estar vinculado um programa gradual e progressivo de ensino intelectual, físico e tecnológico. A união do trabalho produtivo remunerado, ensino intelectual, exercício físico e adestramento politécnico elevará a classe operária acima das classes superiores e médias (p. 26-27). É neste momento histórico que vamos localizar as primeiras menções de Marx à educação e ao ensino, junto quando ele intervém no programa de unificação dos dois partidos operários Alemães.

É Suchodolski, no entanto, que em 1961 publica o livro “*Teoria Marxista e Educação*”, onde localizamos as derivações de sentido socialista para a educação, obtidas a partir da consideração do conjunto da obra de Marx e Engels. O que encontramos no livro de Suchodolski (1976), “*Fundamentos de pedagogia socialista*”, é o caráter de transição da pedagogia socialista. Destaca Suchodolski (1976), no prefácio de sua obra, que educar com os olhos voltados para o futuro não elide o fato de que educamos aqui e agora, destacando a caracterização da educação de tipo socialista que, concretamente, é a unidade de ambos os fatores cronológicos: o presente e o futuro. Para Suchodolski (1976), os princípios filosóficos da pedagogia socialista são: (a) originalidade da pedagogia socialista; (b) caráter ativo do ser humano contra o sensualismo que se manifestava como uma filosofia que situava o homem como um mero espectador da realidade, afirmando o caráter da atividade sócio histórica e material dos homens; (c) o caráter material e social da atividade humana; (d) formação da consciência e transformação da vida; (d) a prática revolucionária. Segundo Suchodolski (1976) a coincidência entre a mudança das circunstâncias e da atividade humana, só pode “ser concebida e entendida racionalmente como prática revolucionária” (MARX, 1974, p. 666). Ou seja, em um grau elevado de prática social, as premissas teóricas correspondem a premissas programáticas.

Saviani (2007), no III EBEM, destacou que não basta recolher as passagens das obras de Marx e Engels diretamente referidas à educação e que não é suficiente perscrutar as implicações educacionais do conjunto da obra dos fundadores do materialismo histórico, como o fez Suchodolski (1966). A tarefa é construir uma pedagogia inspirada no marxismo, o que implica a apreensão da concepção de fundo (de ordem ontológica, epistemológica e metodológica) que caracteriza o materialismo histórico.

No Brasil, segundo as investigações de Saviani (2007) sobre a “*História das ideias pedagógicas*” e, sobre “*A pedagogia no Brasil: História e Teoria*”, (SAVIANI, 2008), encontramos pedagogias que buscam aproximações ao referencial marxista, como por exemplo a pedagogia comunista (SAVIANI, 2008, P.174), inspirada no marxismo-leninismo, a pedagogia socialista que se põe como transição para a pedagogia comunista (SAVIANI, 2008, P.175), a pedagogia histórico-crítica, tributária da concepção dialética, na versão do materialismo histórico (SAVIANI, 2008, P. 185).

Saviani (2008) apresenta ainda, várias pedagogias que defendem as transformações sociais, a garantia de direitos, a luta pela terra, a luta pela reforma agrária, e que se relacionam com a luta dos movimentos sociais na cidade e no campo como, por exemplo, a Pedagogia Libertadora ou Pedagogia de Paulo Freire, cuja matriz remete as ideias de Paulo Freire, a Pedagogia da Educação Popular baseada na concepção libertadora que advoga a educação do povo pelo povo, a Pedagogia do Movimento, forjada nas lutas do MST (CALDART, 2000), a Pedagogia da Terra, a Pedagogia da Educação do Campo, a Pedagogia da Alternância, relacionada a matrizes que nos remetem a luta pela terra, a luta pela reforma agrária, a pedagogia que tem o trabalho como princípio educativo (PISTRAK, 2003; PISTRAK, 2009) e a pedagogia do trabalho como raízes da pedagogia socialista (ROSSI, 1981).

Mas, para construir uma pedagogia de base marxista, segundo Saviani (2007), trata-se de penetrar no interior dos processos pedagógicos, reconstruindo suas características objetivas e formulando as diretrizes pedagógicas que possibilitarão a reorganização do trabalho educativo sob os aspectos das finalidades e objetivos da educação, das instituições formadoras, dos agentes educativos, dos conteúdos curriculares e dos procedimentos pedagógico-didáticos que movimentarão um novo *éthos* educativo voltado à construção de uma nova sociedade, uma nova cultura, um novo homem, enfim.

Saviani (2013), desde os idos dos anos de 1980 vem formulando, juntamente com coletivos que existem em vários estados brasileiros, a proposta da pedagogia histórico-crítica. Destaca que nesta construção valeu-se da obra de Marx e de Gramsci que, dentre os teóricos marxistas, foi aquele que mais avançou na discussão da questão escolar.

Inspirado em Gramsci, Saviani lança mão da categoria “catarse” para caracterizar o quarto passo do método da pedagogia histórico-crítica, constitutivo do momento culminante do processo educativo, quando o educando ascende à expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social. Ou seja, momento da elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens (GRAMSCI, 1978, p. 53). Esta expressão segundo Saviani, (2007), se revelava perfeitamente adequada para exprimir o momento da efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados, pela mediação do trabalho pedagógico, em elementos ativos de transformação social. Portanto, foi em Gramsci que Saviani se inspira para indicar o caminho para a construção de um currículo escolar adequado às condições atuais próprias desse período de transição da forma social capitalista para uma sociedade socialista<sup>6</sup>.

Com estas considerações, podemos reconhecer a oposição existente na atualidade entre os pilares da pedagogia socialista, enquanto uma pedagogia da transição e, os pilares das pedagogias correntes e hegemônicas no sistema educacional no Brasil, em especial a pedagogia do “aprender a aprender”, que vem sendo sistematicamente criticada por Saviani e Duarte (2012) por suas bases construtivistas e idealistas.

A Pedagogia do “aprender a aprender” remete ao núcleo das ideias escolonovistas, que se referem a adaptação a sociedade capitalista, em processos de convivência entre gerações. Atualmente se liga à exigências de constante atualização posta pela necessidade de ampliar a esfera da empregabilidade. Saviani (2008, p.170) considera que é adequada a denominação de neo-escolonovismo frente a ajustes,

metamorfoses e adequações que ocorrem na atualidade. Movimentos internacionais revigoram esta concepção educacional que penetra no sistema educacional brasileiro de maneira avassaladora por via das políticas públicas, pelos currículos de formação inicial e continuada de professores e, currículos da escola básica, assentados nesta concepção (DUARTE, 2001). O Relatório Delors, publicado pela UNESCO em 1996, traçou as linhas orientadoras da educação mundial no século XXI a partir desta concepção pedagógica, assentada nos pilares do “Aprender a aprender; aprender a ser; aprender a fazer; aprender a conviver”. Encontramos aí a necessidade de tecer críticas as teorias educacionais hegemônicas e apresentar um contraponto advindo da histórica luta dos educadores e educadoras para construir outros pilares para o projeto de escolarização da classe trabalhadora.

A crítica as teorias educacionais hegemônicas decorrem de seus limites explicativos, capacidade de desmobilização política e pelos rumos alienadores da escolarização da classe trabalhadora a nível mundial. Esta crítica vai desde a crítica às teorias sobre a sociedade do conhecimento, o construtivismo, as teorias do cotidiano (DUARTE, 2001, 2003, 2004a, 2004b), a produção do conhecimento e a política de formação docente (MORAES, 2003), críticas ao professor reflexivo-pesquisador (VIANA, 2011), passando pela crítica a pedagogia do capital (NEVES, 2005), ao projeto de mundialização da educação (MELO, 2004) e, recentemente, a crítica realizada por Frigotto (2011) a política educacional do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, apresentada na Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Segundo Frigotto (2011):

A junção da fragmentação ao abandono do campo crítico na disputa pelo projeto educativo e o foco de atendimento da grande massa desorganizada e despolitizada resultou naquilo que foi dominante na educação durante a década – a política da melhoria mediante as parcerias do público e privado. Desse desfecho resulta que no plano estrutural reiteram-se as reformas que mudam aspectos do panorama educacional sem alterar nossa herança histórica que atribui caráter secundário à educação como direito universal e com igual qualidade. Não só algo secundário, mas desnecessário para o projeto modernizador e de capitalismo dependente aqui viabilizado. No plano das políticas educacionais, da educação básica à pós-graduação, resulta, paradoxalmente, que as concepções e práticas educacionais vigentes na década de 1990 definem predominantemente a primeira década do século XXI, afirmando as parcerias do público e privado, ampliando a dualidade estrutural da educação e penetrando, de forma ampla, mormente nas instituições educativas públicas, mas não só, e na educação básica, abrangendo não só o conteúdo do conhecimento como também os métodos de sua produção ou socialização. A não-mudança estrutural a que me refiro pode ser nitidamente percebida pela leitura de balanços síntese feitos por três intelectuais representantes do pensamento crítico, os quais evidenciam que, tomados os últimos 80 anos, a prioridade da educação sustenta-se apenas no discurso retórico (FRIGOTTO, 2011, p. 09-10)<sup>7</sup>.

Portanto, os problemas que estamos enfrentando, enquanto classe em si e classe para si (LÉNINE, 1986, p. 1-27), no transcurso de nossa existência, nos leva a determo-nos a examinar os problemas concretos da existência humana e perguntarmos sobre os pilares do projeto de escolarização em um período histórico, de luta de classes, que se intensifica, frente ao esgotamento das possibilidades civilizatórias do capitalismo (TAFFAREL, 2009). Estão escancaradas as portas da barbárie, em pleno século XXI.

Como educar a classe trabalhadora? Com que teoria pedagógica? Com que projeto de escolarização? Portanto, os temas aqui tratados, a saber: MARXISMO, MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO, SINDICALISMO, serão abordados para identificar o conteúdo de tais conceitos, construídos historicamente, que nos permitem compreender e agir na luta de classes, conforme suas características e seu grau de desenvolvimento atual, ano de 2016, traçando, enquanto classe, táticas e estratégias no âmbito da luta de classes econômica, política e ideológica e, em especial, defendendo um dado projeto de escolarização cujos pilares estão assentados na teoria marxista e na pedagogia socialista. Defendemos, portanto, que os pilares do projeto de escolarização da classe trabalhadora sejam a consistente base teórica, formação política, consciência de classe, organização revolucionária, fundamentados na teoria marxista, na teoria pedagógica socialista, que no Brasil está em construção, tanto pelos que defendem a pedagogia histórico-crítica, quanto os que estão inseridos em movimentos de luta social, em especial no campo, com aderência ao projeto histórico socialista rumo ao comunista, aderência aos movimentos de luta sindical e suas reivindicações, aderência com o projeto histórico cujas bandeiras estão assentadas no seio da organização partidária da classe trabalhadora que defendem transformações do modo de produção da vida. A seguir apresentamos argumentos neste sentido.

### *Sobre o marxismo*

Todo o esforço sério de aproximações sucessivas ao marxismo implica uma clarificação metodológica. O estudo da concepção teórico-metodológica de Marx e Engels implica superar as interpretações equivocadas, as deformações, as concepções mecanicistas, reducionistas, e os desvios teóricos entre os quais, segundo Perry Anderson (2004) reside, a não consideração das leis gerais que regem o modo de produção capitalista, o Estado burguês e a luta de classes, motor da história. Superar as posições dos opositores ao marxismo que criticam especificamente em dois eixos temáticos: (a) irrelevância das dimensões culturais e simbólicas e; (b) o determinismo econômico.

O que destacamos neste momento é sobre a concepção materialista da história (MARX, 1983; LÉNINE, 1986) e o método em Marx, conforme exposto por Lênine (1986, p. 01-39). O marxismo decorre de uma longa intervenção política e da elaboração teórica que se inicia academicamente em 1841, quando aos 23 anos, Marx (1818-1883) recebe o título de doutor em filosofia pela Universidade de Jena, Alemanha. Nesta trajetória contam o polêmico encontro com Hegel, quando sob a influência do materialismo dos jovens hegeliano, entre os quais Feuerbach, vai demonstrando seu perfil de pensador original. O encontro com Engels (1820-1895) e os estudos sobre economia política culminam na obra máxima “*O Capital*”. São 40 anos que alicerçam uma elaboração crítica que estabelecem as bases do método que viabiliza a compreensão das leis que regem o modo de produção capitalista, o Estado burguês e a luta de classes. Para Marx, segundo José Paulo Netto (2011, p. 20-21) o conhecimento teórico é um conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica –, tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independentes dos desejos, das aspirações e das representações dos pesquisadores. A teoria é a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa. É o movimento real do objeto

representado no plano do pensamento. A teoria tem uma instância de verificação da verdade, instância que é a prática social e histórica. Para Marx, os pontos de partida e chegada são opostos, parte-se de perguntas, questões e na exposição parte-se de resultados da investigação. O propósito de Marx não era elaborar uma ciência da lógica, mas, sim, a lógica de um objeto que consiste em reproduzir idealmente (no pensamento, teoricamente) a estrutura e dinâmica deste objeto. Portanto, Marx não deixou uma lógica, mas, sim, deixou a lógica do Capital. Para isto aproximou-se sucessivamente ao objeto. Daí termos uma longa trajetória de escritos econômicos e filosóficos que culminam enfim com este legado que nos permite hoje entender a lógica do capital. Uma vez determinado o seu objeto, Marx coloca a questão de como conhecê-lo? Põe-se aí a questão do método. Portanto, podemos admitir que a questão central do marxismo é como conhecer o real concreto no pensamento, e perante o conhecimento agir objetivamente para transformá-lo. O método adequado para a elaboração teórica – da representação caótica de um todo, agora com uma rica totalidade de determinações e relações diversas. Conhecer o objeto é conhecer suas múltiplas determinações.

Levando em conta o modo de produção capitalista, Marx e Engels no Manifesto Comunista de 1848 explicitaram qual o motor da história de toda a sociedade até hoje – a história da luta de classes – e demonstraram quais as classes em luta no período do capitalismo pré-monopolista e monopolista, assim como coube a Lênine demonstra as classes sociais em luta na fase suprema do capitalismo a fase imperialista (LÉNINE, 1986, p. 575-671) e qual o papel dos organismos de classe tanto na atuação no parlamento, quanto nos sindicatos.

Para atualizar a luta de classes é mister considerar as contribuições de Nicos Poulantzas em sua obra “*As classes sociais no capitalismo de hoje*”, publicada no Brasil em 1974, pela Zahar Editora. Partindo da internacionalização das relações capitalistas e o Estado-Nação, Poulantzas trata da burguesia, a pequena-burguesia tradicional e a nova pequena burguesia e as frações de classe, apresentando, por fim, as perspectivas políticas para responder a pergunta sobre o que fazer? Questão que está no centro do debate atual sobre a estratégia revolucionária. Sinaliza Poulantzas (1974, p. 368) que é necessário:

[...] entre outras coisas, empreender um estudo, sob o aspecto da história e das experiências do movimento operário e revolucionário internacional, de suas organizações, das concepções e de suas voltas sobre as questões do processo revolucionário, da organização (partido-sindicato), das alianças, enfim cercar de mais perto o sentido e os fundamentos da ideologia e das correntes socialdemocratas. Sem estes conhecimentos [...] as diversas estratégias elaboradas arriscam-se, na melhor das hipóteses, a permanecer mortas: e, na pior, a conduzir a graves derrotas (POULANTZAS, 1974, p. 368).

### *Sobre movimentos sociais*

Maria da Gloria Gohn (1997), escreveu uma obra considerada clássica sobre Teorias dos Movimentos Sociais. Apresenta os paradigmas clássicos e contemporâneos. Sua obra dividida em três partes, trata na primeira parte do paradigma norte-americano. Com três capítulos trata das teorias clássicas sobre ações coletivas, dos movimentos sociais na era da globalização. A Mobilização política. Na Segunda Parte trata do paradigmas europeus sobre movimentos sociais e em dois capítulos apresenta a teoria sobre

os novos movimentos sociais e o paradigma marxista dos movimentos sociais com ênfase nas interpretações neomarxistas sobre o tema. Na Terceira parte, trata do paradigma Latino-americano sobre movimentos sociais e em quatro capítulos trata sobre as especificidades dos movimentos na América Latina, no Brasil, e as relações com as Organizações Não Governamentais (ONG). Em obra posterior, datada de 2010, apresenta os Movimentos Sociais e explica sobre redes de mobilização civil no Brasil contemporâneo a conjuntura e as categorias que se destacam: associações civis, questão urbana, meio ambiente, rural, urbano, movimentos culturais, gênero, etnia, gerações, demandas da área de direitos, questão da fome, área do trabalho, mobilidade, questões religiosas, comunicação, movimentos globais. Destaca por fim os Fóruns – Educação, Participação Popular, Entidades Sociais, Reforma Urbana, a Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais, entre outros. Critica as políticas de caráter assistencialista, compensatórias, que servem ao capital e suas políticas liberais e neoliberais, que esvaziam a capacidade organizativa e revolucionária dos Movimentos Sociais.

Nosso enfoque no presente texto é partir da categoria luta de classes e analisar as organizações dos trabalhadores no enfrentamento ao capitalismo em sua fase suprema, o imperialismo, (LÉNINE, 1986) que pode ser caracterizado pelas crises cada vez mais frequentes, mais profundas, mais violenta e, segundo Montoro (2014), cada vez menos controláveis (MARX; ENGELS, 2007), do capital.

Valemo-nos da obra de Carlos Montañó e Maria Lucia Duriguetto que organizaram um livro sobre Estado, Classes e Movimento Social (2010). Esta obra parte do conceito do Estado Moderno, a partir dos clássicos Hobbes, Rousseau, Hegel, Marx, Lênin, Gramsci, Tocqueville, Keynes, Hayek, Haberman, chegando ao conceito de Estado de Bem-estar-Social, para tratar das classes sociais, consciência de classe e lutas de classes, destacando as relações trabalho-capital no Modo de Produção Capitalista (MPC) para concluir sobre o caráter do Estado capitalista monopolista e as lutas de classes. Na Terceira parte da obra discutem sujeitos, projetos e espaços de luta social – os sindicatos, os “novos movimentos sociais”. Criticam, por fim, as visões pós-modernas, culturalistas e tratam do panorama das lutas no cenário contemporâneo, os limites das lutas espontâneas, e os desafios teóricos e políticos-organizativos dos movimentos sociais contemporâneos. Destacam os desafios postos ao projeto socialista de estabelecer vínculos e conexões entre as várias reivindicações, as diversas lutas sociais e os movimentos operários, ou seja, vincular as diferentes lutas das organizações e dos movimentos dos trabalhadores e populares a projetos contra hegemônicos, ou seja, a projetos que busquem construir uma visão integrada de necessidade, interesses, reivindicações e ações prático-políticas advindas da lutas sociais, incorporando-as em um quadro mais abrangente classista.

Defendemos, por fim, que as lutas sociais por justiça, democracia, direitos, expressas na luta contra o fechamento de escola (TAFFAREL; MUNARIM, 2015), na luta dos estudantes que ocupam escolas, na luta de professores e demais trabalhadores da Educação por carreira, salários, condições de trabalho, enfim, por educação pública, de qualidade, laica, socialmente referenciada, entre outras, adquirem sentido emancipatório, conforme Montañó e Duriguetto (2010), quando em consonância, em sintonia, com aderência, com o projeto de superação da ordem capitalista vigente, ou seja, em sintonia com a transição ao modo de produção da vida socialista, rumo ao comunismo (NIKITIN, 1967). Defender o



projeto histórico cabe ao partido. E aqui temos lições a tirar das experiências partidárias no Brasil e a crítica, em especial ao Partido dos Trabalhadores, pelo papel que desempenhou, desempenha e desempenhará no próximo período histórico. Cabe aqui a análise profunda da reação das classes dominantes, burgueses, seja a pequena burguesia tradicional, seja a nova pequena burguesia, os avanços do conservadorismo, das tendências nazistas, fascistas e, fundamentalmente, a análise do Golpe em curso, imprimido pela via do judiciário, do parlamento conservador, da mídia capitalista, e pelos setores empresariais alicerçados no imperialismo. A pergunta vital e necessária sobre a crise imperialista passa pela explicação e determinações do que está acontecendo no Brasil. Não admitir o Golpe em curso neste momento histórico, com o processo correndo no senado federal<sup>8</sup>, é virar as costas à classe trabalhadora, suas lutas e suas conquistas. Cabe aqui a crítica ao esquerdismo, conforme formulado por Lênin no texto sobre a doença infantil do comunismo. Criticamos, por fim, conforme nos aponta Cardoni (2014) em sua coletânea de textos sobre a defesa das organizações do movimento operário, movimentos populares e da juventude, como conquistas sociais da classe operaria, contra a decomposição alimentada pelo capitalismo, as apologias a movimentos e grupos que não tem aderência a um projeto histórico superador do capitalismo, aderência às organizações históricas dos trabalhadores da cidade e do campo, que lutam por suas reivindicações históricas e transitórias que se chocam contra as políticas do Estado burguês capitalista.

### *Sobre a educação – especificidade, natureza e historicidade*

Não nascemos seres humanos, nos tornamos humanos à medida que acessamos a cultura elaborada pela humanidade. No processo histórico de nos tornarmos humanos confrontam-se projetos de formação humana em sociedade divididas em classes sociais. Isto perpassa a história da humanidade, da antiguidade à atualidade conforme demonstram Manacorda (1992) e Ponce (1991). O embate de projetos estabelecem limites à formação da classe trabalhadora, porque as ideias que perpassam as teorias pedagógicas são as ideias da classe dominante, conforme criticado por Duarte (2001, 2003).

Segundo Luiz Carlos de Freitas (1987, p. 123): “a discussão em torno do projeto histórico, ou mais apropriadamente, dos projetos histórico subjacentes às posições progressistas na área educacional é, em nossa opinião, necessária para entendermos melhor a parente (e só aparente) identidade do discurso transformador nesta área”. Um projeto histórico enuncia o tipo de sociedade e os meios que devemos colocar em prática para a sua consecução. Implica uma cosmovisão, mas é mais que isto. É concreto, está amarrado as condições existentes, a partir delas, postula fins e meios. Tais projetos fornecem base para a organização dos partidos políticos.

Entre as possibilidades de superação de limites que demonstram o embate de projetos históricos antagônicos e o embate entre matrizes epistemológicas, educacionais e pedagógicas, enfocamos a necessidade de uma matriz epistemológica e educacional que esteja alicerçada na concepção dialética materialista da história e, a teoria crítica da educação e, dentro dela, a pedagogia histórico-crítica da educação. Em especial no campo da Educação Física, defendemos a metodologia do ensino crítica

superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Vale destacar nesta perspectiva, os trabalhos de Silvio Gamboa, (2007a, 2007b, 2015) e sua capacidade de compor grupos de pesquisa em rede que articulam formação e produção do conhecimento na área da Educação Física no norte e nordeste do Brasil a partir da referência crítica na pedagogia e na produção do conhecimento. Outro trabalho que merece destaque é a crítica do professor José Eudes Baima Bezerra (2015), sobre Direito a Educação e Progressão Continuada que trata do fechamento de escolas, aviltamento das condições de trabalho. Isto tudo como decorrência da defesa de outra política educacional, não da política dos imperialistas (LÉNINE, 1987), que se expressa no Brasil nas política neo-desenvolvimentista, neoliberal, adotadas hegemonicamente, mas merecedoras de críticas de nossa parte, principalmente, no período de 2003-2016 – Governos Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff por serem governos alicerçados nas esperanças populares de reformas políticas – críticas a concepção de parcerias público-privado, da meritocracia e do produtivismo acadêmico de interesse do capital. Em defesa, sim, de uma política que considere a luta de classes e seu grau de desenvolvimento no Brasil, na América Latina e no mundo na perspectiva do projeto histórico de emancipação da classe trabalhadora (COUTINHO, 1996), que passa necessariamente pela quebra da subsunção do trabalho ao capital, pelo fim da propriedade privada dos meios de produção e pelo fim do Estado burguês. Política que se trava em conjunturas concretas, objetivas e específicas. Conjuntura esta que, neste momento histórico, no Brasil, passa por barrar o golpe em curso, pela defesa da democracia e do projeto de nação soberana, para atendimento das reivindicações transitórias e históricas dos trabalhadores. Implica em não esquecermos a historia do Golpe de 1964 que introduziram acordos que até hoje vingam nas universidades brasileiras, como o foram os acordos MEC/USAID (CUNHA; GÓES, 1985). Isto implica em recolocar e defender um projeto de escolarização dos trabalhadores com base na perspectiva da emancipação humana, que significa emancipação de classe, baseado na pedagogia de matriz marxista (SAVIANI, 2013), que tem o trabalho como princípio educativo (PISTRAK, 2003, 2009), e fundamentalmente, em um Plano Nacional de Educação formulado pelos trabalhadores, com as reivindicações dos trabalhadores.

### *Sobre Sindicalismo*

Partimos do motor da história – a luta de classes - conforme o resgate histórico procedido por Max Beer (2006) da antiguidade a contemporaneidade. Nos valem ainda, das contribuições de Felipe (2008) que compilou textos de Marx, Engels, Lênin, Rosa de Luxemburgo, e outros, sobre as classes sociais no capitalismo. Destacamos nesta luta o Manifesto Comunista (MARX; ENGELS, 2007) passando pela construção das organizações internacionalistas – “*História das Internacionais Socialistas*” (SAGRA, 2005), passando ainda, pela obra de Hobsbawm que estudou sobre a história do operariado, na obra intitulada “*Os Trabalhadores*” (2012), os escritos de Trotsky (2012) sobre os sindicatos, até as atuais organizações operárias e da juventude, destacando a necessária luta contra a decomposição das organizações alimentada pelo imperialismo. Consideramos, portanto, as referências que tratam da situação da classe trabalhadora no mundo, a atual história dos trabalhadores (HOBSBAWM, 2012) suas lutas, em uma sociedade de

classes (MARX; ENGELS, 2007; MARX 2012; ENGELS; 2008), seu grau de desenvolvimento (MONTORO, 2014), possível de ser verificado em suas organizações, reivindicações, manifestações, nos seus combates, confrontos, conflitos e resistências (SEOANE; TADDEI, 2001; PETRAS, 2002).

Consideramos, portanto, as leis que regem o modo de produção capitalista, o Estado burguês, a luta de classes (MARX; ENGELS; LÊNIN; TROTSKY, 2009), bem como, a reação da classe trabalhadora organizada frente aos resultados econômicos, sociais, e políticos da destruição das forças produtivas. (MONTORO, 2014) Isto dentro de dadas conjunturas, onde se expressam forças, de sujeitos históricos. Estas forças, em posições antagônicas, travam a luta de classes econômica, política e ideológica.

As condições objetivas para superar o capitalismo estão postas. Temos que construir as condições subjetivas. Isto passa, segundo Trotsky (2009), pelas direções. Para Trotsky (2009, p. 91): “A situação política mundial no seu conjunto se caracteriza, antes de mais nada, pela crise histórica da direção do proletariado”. Neste sentido, vamos considerar os desafios atuais para a independência sindical, considerando a experiência histórica das centrais sindicais, identificando os três períodos que caracterizam a história da luta de classes a partir da organização sindical no Brasil, a saber: 1) o primeiro período de um sindicalismo embrionário reconhecido no final do século XIX, início do século XX; 2) o segundo a partir de 1935, de um sindicalismo atrelado ao Estado e; 3) um terceiro período que se abra frente as experiências vividas com todas as suas contradições, período que ainda vivemos e exige buscarmos a resposta sobre o que fazer frente a necessidade de avançarmos na transição do capitalismo para o socialismo, rumo ao comunismo.

As conquistas arrancadas pelo movimento dos trabalhadores neste terceiro período histórico do sindicalismo brasileiro, marcado pela fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), estão diretamente ameaçados no momento atual, segundo Turra (2012). Inclusive no terreno da organização independente. Concordamos com Turra (2012), trata-se de um processo inacabado, cuja evolução está sendo e será determinado pela luta de classes em condições de impasse extremo do modo de produção capitalista em sua etapa imperialista, estampado na crise que eclodiu em 2008, a mais profunda do sistema capitalista desde 1929. Cabe, nesta conjuntura, ao movimento operário mundial e brasileiro assumir sua missão histórica de defesa dos interesses dos trabalhadores.

Concluimos com os escritos de Marx, Trotsky e Lênine organizados em dois dossiês da Revista A VERDADE (número 87, de novembro de 2015 sobre a defesa do bolchevismo e número 88, de janeiro de 2016, sobre sindicatos e independência de classes) que demonstram o histórico de luta, a função social dos organismos de classe, que é não se separar da classe, de seus organismos, de seu trabalho nos sindicatos, nos partidos, nos governos, em defesa das reivindicações transitórias e históricas dos trabalhadores. No Brasil, neste momento histórico significa combater o golpe e defender os organismos da classe trabalhadora para desempenharem seu papel na defesa da reivindicações dos trabalhadores.

### *À Guisa de Conclusão*

Analisando o problema vital que necessita uma resposta do conjunto da classe trabalhadora, sobre a educação da classe trabalhadora, frente as crises permanentes, profundas e com suas consequências políticas, econômicas e sociais violentas que destroem as forças produtivas chegamos à conclusão que: 1) o marxismo, ou seja, a visão materialista da história, o socialismo rumo ao comunismo, enquanto projeto histórico, a filosofia marxista, enquanto visão de ser humano, o materialismo-histórico-dialético, enquanto possibilidade epistemológica, enquanto teoria do conhecimento, continua atual e imprescindível na luta de classes em geral e em especial para sustentar pilares de outro projeto de escolarização da classe trabalhadora. 2) Que os Movimentos Sociais, para contribuírem com a transição para outro modo de produção da vida que não o capitalismo, necessitam ter aderência ao projeto histórico superador, o projeto socialista rumo ao comunismo. 3) Que a educação, no contexto da luta de classes, com referência no projeto histórico superador, implicara em disputa de projetos, com definição precisa do método e da teoria de conhecimento, da teoria educacional e pedagógica na perspectiva da transição para outro modo de produção da vida. Portanto, o marxismo traz em si a filosofia da práxis, a lógica e teoria do conhecimento Materialista Histórica Dialética e, o projeto histórico comunista que implica, além da formulação de premissas teóricas, as premissas programáticas, ou seja, um programa de transição. É, portanto, como demonstram as contribuições aqui arroladas, que o alicerce teórico consistente para fundamentar a teoria educacional e pedagógica na transição, para a superação do modo do capital organizar a produção dos bens materiais e imateriais é o marxismo – teoria formulada na luta histórica para a superação da fase pré-histórica da humanidade, a fase das sociedades de classe.

O acúmulo ao longo da história da luta de classes sinaliza como pilares para a escolarização da classe trabalhadora: a consistente base teórica, ou seja, o domínio dos conhecimentos clássicos, científicos, tecnológicos, da filosofia, das artes, da educação física; a formação política na disputa dos rumos do que diz respeito à vida humana e seu modo de produção; a consciência de classe forjada na luta de classes e na elevação de classe em si para classe para si; e as organizações revolucionárias, cientes e conscientes de seu papel, de suas funções, de suas responsabilidades, perante as condições objetivas colocadas, perante a correlação de forças estabelecida, de educar agora com vistas ao futuro. Que o movimento sindical, com autonomia e independência deverá acentuar a luta em defesa das reivindicações transitórias e históricas da classe. E tudo isto tem uma implicação que está expressa no final do Manifesto Comunista (MARX; ENGELS, 2007). A luta é internacional e os trabalhadores do mundo devem se unir.

### *Referências Bibliográficas*

A VERDADE. Revista Teórica da 4. Internacional. **Em defesa da 4. Internacional. Em defesa do Bolchevismo**. São Paulo, n. 87, nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Revista Teórica da 4. Internacional. **Sindicalismo e independência de classe**. São Paulo, n. 88, jan. 2016.

ABRAMIDES, Maria Beatriz; DURIGUETTO, Maria Lúcia. (Org.). **Movimentos Sociais e Serviço Social: uma relação necessária**. São Paulo: Cortez, 2014.

- ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental**: nas trilhas do marxismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2004.
- BEZERRA, José Eudes. **Direito da educação e progressão continuada**. São Paulo: Serpente, 2015.
- BEER, Max. **História do socialismo e das lutas sociais**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- BORON, Atílio; LECHINI, Gladys. (Compiladores). **Política y movimientos sociales en un mundo hegemónico**: lecciones desde África, Ásia y América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2006.
- CALDART, Roseli Salete. **A pedagogia da luta pela terra**: O Movimento Social como principio educativo” Texto produzido para a 23 Reunião Anual da ANPEd, a pedido do Grupo de Trabalho Movimentos Sociais e Educação. Caxambu, 2000.
- \_\_\_\_\_. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. In: MOLINA, M. C. (Org.). **Educação do Campo e Pesquisa II**: questões para reflexão. Brasília: MDA/MEC, 2010. p. 103-126.
- CARDONI, Edison. **Anarquismos, Black Blocs, provocações**. Brasília: Nova Palavra, 2014.
- CHEPTULIN, Alexandre. **A dialética materialista**: categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa-Ômega, 1982.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Marxismo e Política**: dualidade de poderes e outros ensaios. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacy. **O Golpe na Educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros. 1985.
- DUARTE, Newton. **Vigotski e o aprender a aprender**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2004a.
- \_\_\_\_\_. **Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões?** Quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas: Autores Associados, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2001.
- DUARTE, Newton. (Org.) **Crítica ao Fetichismo da Individualidade**. Campinas: Autores Associados, 2004b. v. 1.
- DANGEVILLE, Roger (Org.). **Marx e Engels**: Critique de l'éducation et de l'enseignement. Paris: Maspéro, 1976.
- DOMMANGET, Maurice. **Los grandes socialistas y la educación**: de Platón a Lenin. Madrid: Fragua, 1972.
- ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos 1**. São Paulo: Edições Sociais, 1977. p. 5-60.
- \_\_\_\_\_. **Princípios básicos do comunismo**. [1847]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1847/11/principios.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2016.
- \_\_\_\_\_. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- FELIPPE, Wilian (Org.) **As classes sociais no capitalismo**. 2. ed. São Paulo: Editora Instituto Jocé Luis e Rosa Sudermann, 2008.
- FREITAS, Luiz Carlos. Projeto Histórico, Ciência Pedagógica e “Didática”. **Educação e Sociedade**, Campinas, n. 27, set. 1987.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Os circuitos da história e o balanço da Educação no Brasil na primeira década do século XXI. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 46, jan./abr. 2011.
- GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em Educação**: métodos e epistemologias. Chapecó: Argos, 2007a.
- \_\_\_\_\_. **Epistemologia da Educação Física**: as inter-relações necessárias. Maceió: EDUFAL, 2007b.

\_\_\_\_\_. **Relatório de Pesquisa “Produção do conhecimento em educação física: impacto do sistema de pós-graduação das regiões Sul e Sudeste do Brasil na formação e produção de mestres e doutores que atuam nas instituições de ensino”**. Campinas: UNICAMP; 2015.

GOHN, Maria Gloria. **Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

\_\_\_\_\_. **Movimentos Sociais e redes de mobilização civil no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

\_\_\_\_\_. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HARNECKER, Marta. **Estratégia e Tática**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

HOBSBAWM, Eric J. **Os trabalhadores: estudos sobre a história do operariado**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LÊNIN, Vladimir. I. **Imperialismo, fase superior do capitalismo**. São Paulo: Global, 1987.

LENINE, Vladimir. I. **Obras escolhidas**. v. 1. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.

LENIN, Vladimir. I. **O que fazer?** Problemas candentes do nosso tempo. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LUKÁCS, György. **História e Consciência de Classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MANACORDA, Mário Alighiero. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

\_\_\_\_\_. **Il marxismo e l'educazione**. Roma: Armando Armando, 1964.

\_\_\_\_\_. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

MARX, Karl. **A luta de classes na França**. São Paulo: Boitempo2012.

\_\_\_\_\_. **A contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

\_\_\_\_\_. Tesis sobre Feuerbach. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **La ideología alemana**. Montevideo; Barcelona: Pueblos Unidos; Grijalbo, 1974. p. 665-668.

\_\_\_\_\_. **Capítulo VI (inédito), O Capital, Livro I**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; LÊNIN, Vladimir I.; TROTSKY, Leon. **O Programa da revolução**. Brasília: Nova Palavra, 2009.

MONTAÑO, Carlos; DURIGUETTO; Maria Lucia. **Estado, Classe e Movimento Social**. São Paulo: Cortez, 2010.

MONTORO, Xabier Arrizabalo. **Capitalismo y economia mundial**. Madrid: Instituto Marxista de Economía, 2014.

MELO, Adriana. **Mundialização da Educação**. Alagoas: EDUFAL, 2004.

MORAES, Maria Célia Marcondes de (Org.). **Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e política de formação docente**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

NIKTIN, P. **Fundamentos de Economia Política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pequena História da Ditadura Brasileira (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 2014.

PETRAS, James. **Império e políticas revolucionárias na América Latina**. São Paulo: Xamã, 2002.

- PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **A Escola-Comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular 2003.
- PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- POULANTZAS, Nicos. **As classes sociais no capitalismo de hoje**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- ROSSI, Wagner Gonçalves. **Pedagogia do trabalho: raízes da educação socialista**. São Paulo: Moares, 1981.
- SAGRA, Alicia. **História das Internacionais Socialistas**. São Paulo: Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2005.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Educação: do senso comum a consciência filosófica**. Campinas: Autores Associados, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Escola e democracia**. 42 ed. Campinas: Autores Associados, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo é pedagogia**. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, v. 11, n. 41, 2011. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/histedbr/article/view/3266>>. Acesso em: 22 abr. 2016.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e pedagogia**. Intervenção na Mesa IV – Teoria Marxista e Pedagogia Socialista, integrante da programação do III EBEM (Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo). Salvador, 14 nov. 2007.
- \_\_\_\_\_. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A Pedagogia no Brasil: História e Teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012.
- SEOANE, José; TADDEI, Emilio. **Resistências Mundiais: de Seattle a Porto Alegre**. Petrópolis; Rio de Janeiro: CLASCO; LPP, 2001.
- SUCHODOLSKI, Bogdan. **Teoría marxista de la educación**. México: Grijalbo, 1966.
- \_\_\_\_\_. **Fundamentos de pedagogía socialista**. Barcelona: Laia, 1976.
- TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. **Marxismo e educação: contribuição ao debate sobre teoria educacional e a transição**. 2009. Disponível em: <<http://www.rascunhodigital.faced.ufba.br/ver.php?idtexto=854>>. Acesso em: 28 mar. 2016.
- TAFFAREL, Celi e MUNARIM, Antônio. **Pátria Educadora e Fechamento de Escolas do Campo: O crime continua**. In: *Revista Pedagógica*. Programa de Pós-Graduação em Educação. UNICHAPECÓ. V. 17, N. 35 maio/agost. 2015. p. 41-51
- TROTSKY, Leon. **Escritos sobre Sindicatos**. 2 ed. Brasília: Nova Palavra, 2012.
- TURRA, Júlio. Posfácio: Os desafios atuais para a independência sindical. In: TROTSKY, Leon. **Escritos sobre Sindicatos**. 2. ed. Brasília: Nova Palavra, 2012. p. 117-135
- VIANA, Marta Loula Dourado. **A relação teoria e prática na Licenciatura em Pedagogia: um estudo crítico do professor reflexivo-pesquisador**. 2011. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

---

*Notas:*

<sup>1</sup> Professora Dra. Titular FAGED/UFBA. E-mail: [taffarel@ufba.br](mailto:taffarel@ufba.br)

<sup>2</sup> Segundo Montoro (2014, p. 369-487), as forças destrutivas, como os ajustes estruturantes da economia capitalista, atuam sob as forças produtivas e as relações de produção – trabalhador, trabalho, natureza, conhecimento para garantir a existência humana,

---

com resultados imediatos, como a desestruturação da economia, regressão social e questionamentos da democracia e das conquistas institucionalizadas como direito.

- <sup>3</sup> A obra de José Paulo Netto, *Pequena História da Ditadura Brasileira 1964-1985* (2014), contribui muito para entender este momento. Trata-se da terrível história da ditadura militar no Brasil. A obra de Paulo Netto (2014), parte da formação econômico-social do Brasil, onde pode ser demarcada a luta contra as classes dominantes como adversárias da tradição democrática. O livro demonstra a clara opção de dependência do Brasil e, que a compreensão do golpe precisa ser entendida nas relações internacionais, pelo papel que ocupa o Brasil em relações neocolônias estabelecidas nas relações internacionais.
- <sup>4</sup> No dia 17 de Abril de 2016 o Parlamento Brasileiro aprovou por 367 votos favoráveis e 137 votos contra, a instalação de processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, eleita por 54 milhões de votos. Este texto nos auxilia para compreender o que acontece hoje, 2016, com o Golpe midiático, do judiciário e do parlamento aliado a setores da burguesia pro-imperialismo. Nos permite entender, porque o ANDES-SN em seu congresso nacional ocorrido em janeiro 2016, desconsiderou que existe um Golpe no Brasil e se mantém calado frente ao fato de que 70 universidades brasileiras instituíram COMITÊS CONTRA O GOLPE EM DEFESA DA DEMOCRACIA E PELOS DIREITOS DOS TRABALHADORES. Defendemos no VII EBEM que o ANDES-SN deveria chamar Congresso extraordinário para tomar novas decisões frente a gravidade do golpe, frente ao retrocesso institucional no Brasil. A isto responderão, perante a história, as direções sindicais.
- <sup>5</sup> Desde o ano de 2000, estamos tratando da Teoria Marxista, Pedagogia Socialista e Currículo, em disciplinas, dissertações e teses por dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA). Atualmente a disciplina é denominada de EDCA34 - Teoria Marxista Pedagogia Socialista e Currículo.
- <sup>6</sup> Sobre as experiências e ideias pedagógicas socialistas não podemos deixar de mencionar, além das contribuições advindas do leste europeu, em especial o período da revolução soviética, as experiências de Cuba e no Brasil, as experiências do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com a Pedagogia do Movimento.
- <sup>7</sup> Os três intelectuais mencionados por Frigotto (2011) são: Florestan Fernandes, Francisco de Oliveira e Marilena Chauí.
- <sup>8</sup> Em 11 e 12 de maio, o parecer remetido pela comissão foi votado pelo plenário do Senado, que decidiu pela admissibilidade do processo de impeachment, por 55 votos a 22 votos. Com a decisão, a presidente Dilma Rousseff foi automaticamente afastada do cargo por até 180 dias período em que o Brasil está sendo governado interinamente pelo vice-presidente Michel Temer.

Recebido em: 29/06/2016

Publicado em: 08/2016